

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

29 de Abril de 2024

DO CINEMA DE ESTADO AO ESTADO FORA DO CINEMA: MOÇAMBIQUE

RUÍNAS DO RIO / 2021

Um filme de Yara Costa Pereira

Argumento: não identificado no genérico / *Diretor de fotografia (digital, cor):* Emídio Jozine / *Música:* Amável Ponto / *Montagem:* Francisco Costa / *Som:* Billyboom, Sara Godinho / *Com as presenças de:* Samuel Bonifácio Zichau, Fátima Jonasse Rainha, Hélia Seda, Joana Jhannes / *Produção:* YC Filmes (Maputo), Helpo / *Cópia:* digital (suporte original), versão original com legendas em português / *Duração:* 35 mm / *Estreia mundial:* data não identificada / *Inédito comercialmente em Portugal / Primeira apresentação na Cinemateca*

MABATA BATA / 2017

Um filme de Sol de Carvalho

Argumento: José Magno e Sol de Carvalho, a partir do conto “O Dia em que Explodiu Mabata Bata”, de Mia Couto, incluído no volume *Vozes Anotadas* (1987) / *Diretor de fotografia (digital, cor):* Jorge Quintela / *Cenários:* Vicente Muchongo / *Figurinos:* Louiggi Junior / *Música:* Pierre Dufloo / *Montagem:* André Guiomar / *Som:* Tiago Cardoso (desenho), Dinis Henrique (gravação), Maurício d’Orey (misturas e montagem) / *Interpretação:* Emílio Bila (*Azarias*), Filomena Remigio (*Carolina*), Mário Mabjala (*Espírito*), Wilton Boene (*José*), Esperança Naienu (*Trondina*), Medianeira Missingue (*Lúcia*).

Produção: Bando à Parte (Guimarães), Promarte (Maputo) / *Cópia:* digital (suporte original), versão original com legendas em português / *Duração:* 76 minutos / *Estreia mundial:* 30 de Abril de 2017, em Moçambique e em Portugal, na versão para a televisão / *Inédito comercialmente nas salas de cinema em Portugal / Primeira apresentação na Cinemateca.*

Em nenhum país africano o cinema parece ter tido tanta importância quando em Moçambique no período que se seguiu à independência, nem sequer na Argélia que deu grande importância às imagens em movimento na sequência da sua independência em 1962. Só talvez no período inicial da revolução bolchevique tenha sido dada tanta importância ao cinema como arma de construção social e nacional. Em 1976, um ano depois da independência, foi fundado o INC (Instituto Nacional de Cinema) e muitos adolescentes, “filhos de trabalhadores e de camponeses” foram agrupados para terem formação técnica. A ideia era “descolonizar o olhar” e foram criadas atualidades cinematográficas moçambicanas, intituladas **Kuxa Kanema**, o que significa simplesmente *nascimento do cinema* e que mostrava Moçambique por olhos moçambicanos, focando em questões concretas e quotidianas, não em generalidades ideológicas. Uma unidade de projeção ambulante percorria todas as regiões do país. Personalidades como Jean Rouch e Jean-Luc Godard foram a Maputo darem o seu contributo ao nascimento deste cinema e desta nação, num forte movimento de internacionalização. Mas um ano depois da fundação do INC os regimes da África do Sul e da Rodésia deram início a uma violenta guerra civil em Moçambique, que durou dezasseis anos. Em 1991, na perspectiva de um tratado de paz, o governo moçambicano modificou a sua orientação e aproximou-se das instituições financeiras internacionais. Ilustrando à perfeição o título deste ciclo, o Estado retirou-se da produção cinematográfica. Deve-se acrescentar que por esta altura a televisão já ocupava grande parte do espaço anteriormente destinado ao cinema, Neste mesmo ano, numa tragédia ao mesmo tempo real e simbólica, um incêndio praticamente destruiu a sede do Instituto Nacional de Cinema e o material ali contido. Por conseguinte, o modo de produção dos

dois filmes relativamente recentes que compõem este programa nada tem a ver com o do cinema moçambicano imediatamente posterior à independência.

Ruínas do Rio aborda um tema importante no cinema africano de modo geral: o choque entre elementos tradicionais e modernos, a necessidade de equilibrar as realidades modernas com a importância do elemento mágico na cultura africana. O choque entre a vontade de modernização e as tradições ou superstições é um tema clássico dos cinemas das sociedades em revolução, mas no filme de Yara Costa Pereira não há embate, há antes uma espécie de resignação. Os velhos “*já não têm poder nenhum*” e se os “*jovens régulos*” - que nunca vemos, mas cujo poder parece ser total - os encontrarem na estrada vão espancá-los. Pelo simples poder de observação, os anciãos sabem que a chuva já não cai nos mesmos sítios, o que causa a *ruína do rio* que dá título ao filme, mas as suas vozes parecem perder-se num círculo fechado.

Sol de Carvalho pertence à primeira geração de cineastas do Moçambique pós-independência. Começou por fazer parte da equipa de **Kuxa Kanema**, na segunda versão da série nos anos 80, o que considerou um excelente aprendizado, pois era preciso semanalmente filmar, montar e tirar treze cópias do jornal filmado. Mais tarde foi terceiro assistente de realização na primeira longa-metragem de ficção moçambicana, **O Tempo dos Leopardos** e fundou a sua própria produtora, para a qual realizou dez filmes, entre curtas e longas, antes de realizar **Mabata Bata**, que foi coproduzido com Portugal. O filme adapta um breve, belo e cruelíssimo conto de Mia Couto, ao qual foram acrescentados alguns outros elementos narrativos, com o acordo do escritor. A “legitimidade” africana e moçambicana do conto é incontestável (a guerra civil, a exploração infantil, elementos mágicos) e vem lembrar-nos a riqueza de histórias que África tem para contar. O realizador deu testemunho de que “*filmámos numa pequena cidade da qual passámos a fazer parte. Trabalhámos com pessoas locais, que responderam admiravelmente, apesar de não saberem nada do que é cinema*”.

Um dos pontos fortes do filme é que embora o *very unhappy ending* seja anunciado no preâmbulo, o desenlace tem o mesmo efeito dilacerante que teria se o espectador fosse apanhado de surpresa. Aquele destino cortado de forma tão cruel e estúpida não é apenas o do jovem pastor, tem significado universal e permanente. A presença do elemento mágico na vida dos protagonistas é um facto e mistura-se perfeitamente às realidades de todos os dias. O jovem pastor e o seu amigo entram em contacto como o “outro mundo”, o que faz com que o presente também seja uma tradição, que não pode ser ocultada, como observou o realizador: “*Torna-se cada vez mais difícil entender, para um elemento exterior, a importância que esse mundo tem na vida quotidiana dos moçambicanos. Muitas pessoas, incluindo respeitáveis colegas, insistiram que em cada momento do espírito em Mabata Bata se deveria sublinhar com música forte uma marca visual diferente. Eu insisti e defendi que a presença do espírito da criança deveria ser tão «normal» como a de qualquer outro personagem...*”. A facilidade com que o realizador resolve este falso problema (fazer coabitar magia e realidade) é outro ponto forte deste filme, em que vemos a conjugação de uma trama narrativa de uma crueldade lúcida e implacável e uma inteligente capacidade de fazer cinema. O resultado é um objeto cinematográfico que seduz, convence e permanece na retina do espectador.

Antonio Rodrigues